

CONTRIBUIÇÕES DE ONGS PARA EXPERIÊNCIAS DE AUTONOMIA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES VULNERABILIZADOS SOCIALMENTE

Patrícia Modesto da Silva*
Carlos Voltz**
Eliana Perez Gonçalves de Moura***
Dinora Tereza Zucchetti****

RESUMO: O artigo analisa experiências educativas de Organizações Não Governamentais (ONGs) que atendem crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, no contraturno escolar, averiguando possíveis contribuições dessas experiências para a autonomia de sujeitos infante–juvenis. A metodologia que conduziu esta pesquisa qualitativa é o estudo de casos múltiplos (YIN, 2005) por meio da análise interpretativa (TRIVIÑOS, 1987). Os dados que serviram de base emergiram de rodas de conversas realizadas com adolescentes nas pesquisas de campo para uma dissertação defendida em 2018 e de entrevistas com crianças e adolescentes em uma ONG que serviram como ponto de partida para uma tese em andamento desde 2019. O referencial teórico está alicerçado em John Dewey (1971) e Paulo Freire (1987; 1996), para tratar de “aprender com a experiência”, Zucchetti e Moura (2016; 2019), para fundamentar educação não escolar, e Paulo Freire (1983; 1987), com os conceitos de ser mais, ação libertadora e autonomia. A empiria nos permitiu observar que as experiências de educação não escolar investigadas podem contribuir para a autonomia dos sujeitos, a partir do momento em que proporcionam possibilidades de análise crítica de seu contexto e os desafiam a pensar em alternativas para a resolução de problemas, por meio do envolvimento em atividades e ações na ONG e no território. Para tanto, é preciso considerar a intencionalidade das práticas, que devem objetivar contribuir com a emancipação e a autonomia dos sujeitos, buscando torná–los conscientes de suas escolhas na busca por alternativas e oportunidades de mudança.

PALAVRAS–CHAVE: Autonomia; Educação não escolar; Experiências educativas; Vulneráveis socialmente.

CONTRIBUTIONS OF NGOS FOR EXPERIENCES IN AUTONOMY IN SOCIALLY VULNERABLE CHILDREN AND ADOLESCENTS

ABSTRACT: Educational experiences of NGOs dedicated to socially vulnerable children and adolescents enrolled in tutoring and learning support classes, verified possible contributions of these experiences for the autonomy of children and adolescents. Methodology comprised the study of multiple cases (YIN, 2005) by interpretative analysis (TRIVIÑOS, 1987). Data were retrieved from chats with adolescents in field research for a 2018 dissertation and interviews with children and adolescents in NGOs, triggering an on–going thesis since 2019. Theoretical reference was foregrounded on John Dewey (1971) and Paulo Freire (1987; 1996) on “learning through experience”; Zucchetti & Moura (2016; 2019) on non–school education; and Paulo Freire (1983; 1987), with idea of being greater, liberating activities and autonomy. Non–school experiences in education may contribute towards the autonomy of agents when there are possibilities of critical analysis of the context and challenges to take alternatives for the solution of problems through the involvement in the activities of NGOs and within the area. Intentionality of practices should be taken into account. They should contribute towards emancipation and autonomy of agents, making them aware of their choice in searching for alternatives and opportunities of change.

KEYWORDS: Autonomy; Educational experiences; Non–school education; Socially vulnerable.

* Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Brasil.

** Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Brasil. E–mail: carlospvoltz@hotmail.com

*** Doutora em Educação. Professora titular do Programa de Pós–graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Brasil.

**** Doutora em Educação. Professora titular do Programa de Pós–graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Brasil.

INTRODUÇÃO

Reverberações que emergiram dos campos de pesquisas nos instigaram a refletir sobre as experiências de educação não escolar em Organizações Não Governamentais (ONGs) que atendem crianças e jovens no contraturno escolar, permitindo discutir quanto e como contribuem para a autonomia e o desenvolvimento da consciência crítica desses sujeitos que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Esta pesquisa mostrou-se relevante após acompanharmos as dificuldades e desigualdades presentes nas vidas desses sujeitos. Assim, pode-se dizer que a educação configura-se como uma importante ferramenta para abrandar as desigualdades e criar possibilidades de emancipação. Conforme nos afirma Brandão: “[...] na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar [...]” (2007, p. 12), daí a relevância de analisar as práticas educativas experienciadas no cotidiano dessas organizações, buscando compreender a repercussão das mesmas na vida de crianças e jovens, de 06 a 15 anos, moradores da periferia de duas grandes cidades da região Sul do país. Dessa forma o problema de pesquisa perpassa pela análise de possíveis contribuições das experiências nas oficinas e ações nas organizações e nos territórios para a autonomia de sujeitos infanto-juvenis.

Temos como objetivo geral analisar as experiências educativas de dois casos de ONGs que atendem os mesmos critérios – público-alvo, projeto de contraturno escolar – em dois municípios do Rio Grande do Sul. Apontamos três objetivos específicos para a escrita deste estudo: apresentar as ONGs e as experiências de educação não escolar nelas desenvolvidas; verificar os conceitos de “aprender com a experiência” com base nos estudos de Dewey e Freire, “educação não escolar” apoiados nas pesquisas de Zucchetti e Moura e, ainda, os conceitos de “ser mais”, “ação libertadora” e “autonomia” desenvolvidos por Freire; analisar como as experiências de educação não escolar investigadas contribuíram para a autonomia de crianças e adolescentes vulnerabilizados socialmente.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa de tipo exploratória e se configura num estudo de casos múltiplos (YIN, 2005), realizado por meio da revisão dos conceitos e da análise dos dados empíricos de duas pesquisas realizadas em ONGs. A discussão dos conceitos revisados serviu para sustentar a análise e a interpretação dos dados empíricos. Os dados de cada um dos dois casos foram coletados em momentos e cidades diferentes: um em Caxias do Sul no ano de 2019 e um em Novo Hamburgo no ano de 2019.

O primeiro caso foi extraído de uma dissertação defendida no ano de 2018, no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Caxias do Sul (RS). O campo de pesquisa foi uma ONG localizada na zona norte, periferia da cidade, que atende 230 crianças e jovens de 06 a 15 anos no contraturno escolar. Além de alimentação, as atividades oferecidas são oficinas, projetos, colônia de férias e encaminhamento de demandas apresentadas pelo público. O percurso metodológico utilizado para a construção do *corpus* empírico da dissertação foi a análise documental; a entrevista em profundidade de tipo semiestruturada; rodas de conversa com cerca de 30 crianças e adolescentes entre 06 e 15 anos e diário de campo, caracterizando como método-base a etnografia (SILVA, 2018, p. 52).

O segundo caso é objeto de uma pesquisa de doutorado que está em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale (RS). O campo de pesquisa foi uma ONG localizada em um bairro de periferia da cidade de Novo Hamburgo: o bairro Santo Afonso. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 08 crianças e adolescentes com idades entre 07 e 13 anos, participantes das oficinas de Arte Educação desenvolvidas na organização. As entrevistas foram gravadas com a autorização de um responsável e transcritas para posterior organização e análise por meio da técnica de análise interpretativa.

Ainda sobre o campo a ser analisado é importante registrar que o estudo de caso é uma

metodologia adequada quando queremos saber, em profundidade, como e porque um determinado fenômeno ocorre (YIN, 2005). Neste trabalho, analisamos as experiências de crianças e adolescentes vulnerabilizados socialmente. Esse tipo de metodologia foi escolhido por haver interesse em lidar com um “fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2005, p. 32). Flyvbjerg (2005) também enfatizou a relação dos casos estudados com o contexto e sua evolução no tempo. Por isso, deve ser tomado um cuidado especial com a coleta, a análise de dados e com as proposições teóricas que as orientam. O autor, Yin, ainda atenta que o mesmo estudo pode “[...] conter mais de um caso único. Quando isso ocorrer, o estudo precisa utilizar um projeto de casos múltiplo” (YIN, 2005, p. 64).

Assim, a análise dos dados coletados, dos dois casos, permitiu construirmos categorias de análise que conduziram este artigo. A técnica utilizada para a análise dos dados foi a análise interpretativa. Essa abordagem baseia-se nas categorias construídas no próprio trabalho, a partir da revisão da literatura selecionada pelo pesquisador. Segundo Triviños (1987, p. 173), a análise interpretativa consiste na construção de um relatório de estudo que apoia-se em três aspectos básicos: nos resultados dos estudos, na fundamentação teórica com o manejo dos conceitos-chave dos autores trabalhados e na experiência pessoal dos investigadores durante a pesquisa. Nesse tipo de análise as denominadas conclusões, geralmente apresentadas ao final do trabalho, podem aparecer a qualquer momento do relatório.

A partir deste percurso metodológico, apresentamos a seguir a revisão dos conceitos-chave da pesquisa. Na seção seguinte, apresentamos as ONGs e as respectivas análises ancoradas nos conceitos discutidos. Posteriormente, realizamos uma breve discussão sobre achados desta pesquisa, retomando as categorias teóricas trabalhadas. Por fim, revelamos as conclusões do estudo. Destacamos ainda que todas as entrevistas e rodas de conversas realizadas com

as crianças e adolescentes atendidos pelas ONGs pesquisadas foram informadas às universidades das quais os pesquisadores fazem parte e tiveram a autorização de seus responsáveis.

3 RESULTADO

3.1 REVISÃO DE CONCEITOS

3.1.1 Experiências educativas

Freire denuncia a educação bancária, em que “[...] o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (FREIRE, 1987, p. 33). Propôs, então, uma educação problematizadora, na qual a ação deve ser comprometida com a história e ter um caráter de denúncia e anúncio. Freire (1987) denuncia uma realidade desumanizante que inibe que os sujeitos possam exercer a sua vocação de ser mais, ignorando a experiência e necessidades e anuncia uma educação libertadora para a construção de uma sociedade mais humanizada.

Dewey (1971, p. 6) traz como horizonte a educação nova e progressiva. Ele vislumbrou a manifestação e a preservação da individualidade por meio de atividade livre, do aprendizado pela experiência, da aquisição do conhecimento como direito essencial dos sujeitos. O autor destaca em seus estudos que as experiências educativas “[...] devem levar a um mundo em expansão da “matéria de estudo”, concebida como sistema de fatos ou informações e ideias” (DEWEY, 1971, p. 93). Desse modo, a educação deveria proporcionar a oportunidade da construção do conhecimento pela interação entre indivíduos e com o meio, considerando que a experiência que educa também pode ser “deseducativa”. Assim, a educação deveria ser uma via que oportunizasse aos sujeitos a compreensão do contexto em que vivem e a busca de alternativas aos problemas e dificuldades enfrentadas.

É um são princípio educativo que os estudantes devem ser introduzidos ao estudo da ciência e iniciados em seus fatos e leis, por meio do conhecimento das suas aplicações na vida quotidiana. A adesão a este método não só constitui a via mais direta para a compreensão da própria ciência, como é também o mais seguro caminho para a compreensão dos problemas econômicos e industriais da sociedade presente (DEWEY, 1971, p. 82).

A educação precisa buscar um equilíbrio para conseguir dar conta deste direcionamento que o autor nos provoca a refletir, valorizando saberes para estar mais próximo da realidade e interesse do discente. Portanto, priorizar o contato com o mundo em mudança, a relação íntima entre a experiência real e a educação, o método democrático e humano voltado para a experiência e a interação entre os sujeitos são alguns aspectos fundamentais para um processo educativo emancipatório. Conforme Dewey, “[...] não é abandonando o velho que resolvemos qualquer problema” (1971, p. 13). Assim, o caminho a percorrer está em buscar uma harmonia na educação. O respeito e a liberdade de experienciar o processo educativo, buscando aproximar o vivido da oportunidade da descoberta, parece estar implícito na construção do saber. O educador precisa ter claro que ensinar não é mera transmissão de conhecimento, mas de estímulo à curiosidade, ao pensamento crítico e ao encorajamento, bem como considerar os saberes e vivências dos alunos no processo de aprendizagem:

A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso

da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente (FREIRE, 1996, p. 16).

Para Freire, assim como para Dewey, é preciso respeitar as experiências trazidas pelos sujeitos e valorizá-las no processo educativo, tanto quanto é importante estimular a curiosidade e o ato de “pensar certo”⁵. O educador precisa se libertar da concepção de educação como algo estagnado, com um único caminho a ser percorrido, mas vislumbrar novas possibilidades em comunhão com as experiências vividas entre ele (professor) e o aluno. Educar exige um exercício contínuo de renovação de conhecimentos, humildade e, ainda, reconhecer que pensar é o caminho para ressignificar e construir novos conhecimentos.

3.1.2 Ser mais – ação libertadora – autonomia

Ao longo de toda a sua vida Paulo Freire lutou pela prática da liberdade, pelo oprimido, pela conscientização por meio do diálogo, pela educação como um processo de ser mais dos sujeitos (SCOCUGLIA, 1999). Posicionou, então, sua prática educativa como política e humanista, orientada para a transformação de situações que impedissem os sujeitos de serem mais (FREIRE, 1983).

Podemos dizer que ser mais é um conceito chave na concepção do ser humano na obra de Freire. Os sujeitos precisam construir caminhos concretos para a realização do ser mais, possível apenas por meio do diálogo e do pensamento crítico e problematizador (ZITKOSKI, 2018, p. 426).

A ação libertadora, por sua vez, só é possível se o sujeito for histórico e criativo, refletir, criticar e posicionar-se de forma a interferir a realidade em comunhão, em diálogo com o outro (OSOWSKI, 2018).

⁵ “Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pensa errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas. Por isso é que o pensar certo, ao lado sempre da pureza e necessariamente distante do puritanismo, rigorosamente ético e gerador de boniteza, que me parece inconciliável com a desvergonha da arrogância de quem se acha cheia ou cheio de si mesmo” (FREIRE, 1996, p. 15).

O conceito de dialogicidade faz parte da natureza histórica dos seres humanos. Não pode ser definido como a simples comunicação, mas o momento em que os seres humanos se encontram para problematizar a própria vida, refletindo juntos e criticamente para transformar a realidade (FREIRE, 1987).

A realidade social é produto da ação dos homens. Portanto, sua transformação só é concretizada na reflexão e ação sobre ela, na práxis. Então, para a superação da contradição opressores–oprimidos é necessária a consciência crítica e atuação dos oprimidos na realidade opressora. Por meio da construção, da ação dialógica entre os seres humanos, se cria a liberdade (FREIRE, 1987). Enfim, “a educação libertadora, por ser autêntica, é uma constante prática da liberdade e o diálogo é uma exigência existencial” (KIMIECIKI, p. 167). Moretti (2018) ressalta que na educação libertadora os conhecimentos e a compreensão que as crianças e adultos têm de suas experiências diárias são condição para a compreensão rigorosa da realidade e o desenvolvimento de novos conhecimentos.

Consideramos a palavra criança pelo seu “saber de experiência feito”⁶ para construirmos o trabalho a partir dela e com ela e não sobre ela (MAGALHÃES, 2018, p. 5). O respeito à criança e essa construção por meio da dialogicidade são elementos pertinentes para a nossa discussão porque a relação pedagógica é, acima de tudo, uma relação dialógica.

Machado (2018) explica que, para Freire, autonomia é libertar o ser humano e contribuir para que ele se reconheça na história e, em comunicação, construa consciência de suas possibilidades. “A autonomia, como amadurecimento do ser para si, é um processo, é vir a ser. Por isso a autonomia é experiência de liberdade” (MACHADO, 2018, p. 61). Então, a autonomia é um processo que vai sendo construído nas nossas decisões em experiências que vamos tendo ao longo de nossa vida.

⁶ “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade do pensar certo procura” (FREIRE, 1996, p. 16).

3.1.3 Educação não escolar

Destacamos que os processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos nas ONGs pesquisadas se diferenciam dos processos da educação escolar. Severo (2015) explica que a educação não escolar é um conceito criado para explicar uma realidade histórica na qual se fortalecem práticas educativas estruturadas fora dos limites da escola. O conceito serve para denominar o contexto da ação educativa, diferente da educação não formal, expressão utilizada para setorizar a educação. Segundo Severo, educação não escolar

consiste na designação de espaços, contextos ou âmbitos sociais e institucionais distintos da escola em que práticas educativas estejam sendo desenvolvidas considerando os modelos formais, não formais e informais, nos diversos níveis de inter–relações que se supõe existirem entre esses modelos (2015, p. 565).

As práticas de educação não escolar vêm sendo realizadas nas últimas décadas principalmente pelas ONGs e entidades do Terceiro Setor para enfrentar o processo de exclusão/inclusão social de jovens constituindo uma espécie de movimento pedagógico. Com tais práticas são produzidos novos saberes e novos sujeitos no campo da educação (ZUCCHETTI; MOURA, 2016). Severo (2015) explica que a educação não escolar não pode ser confundida com educação não formal, esta

se refere a processos de ensino–aprendizagem extraescolares que ocorrem no mundo da vida, na educação não escolar, não institucionalizada. Ela se diferencia da educação formal/escolar, curricular; diferencia–se também da educação informal – aquela que ocorre espontaneamente na socialização cotidiana dos indivíduos ao longo da vida (na família, nos clubes, shoppings centers, academias, e outros espaços de lazer e entretenimento; nas igrejas; e até na escola entre os grupos de amigos) (GOHN, 2013, p. 21).

Educação formal, informal e não formal são expressões utilizadas para setorizar a educação, enquanto a educação não escolar serve para denominar o contexto da ação educativa. Segundo Severo,

consiste na designação de espaços, contextos ou âmbitos sociais e institucionais distintos da escola em que práticas educativas estejam sendo desenvolvidas considerando os modelos formais, não formais e informais, nos diversos níveis de inter-relações que se supõe existirem entre esses modelos (2015, p. 565).

O autor completa que apesar do adjetivo não escolar parecer uma negação à escola ou remeter a um outro tipo de educação, a educação não escolar se identifica com a escolar no sentido de complementaridade e suporte ao longo de toda a vida, de acordo com as necessidades dos indivíduos. Essa noção supera as divisões tradicionais de espaços e tempos para educar por meio de um paradigma dinâmico de educação,

tida como um processo que acompanha a vida das pessoas, preparando-as para o seu exercício social, e como instrumento de potencialização de qualidades que lhes permitam maior bem-estar global. Esse paradigma se concretiza por meio de práticas educativas abertas, plurais e contextualizadas, em que a cultura e a experiência vivida pelo sujeito sejam a base para a construção de saberes e atitudes críticas e criativas (SEVERO, 2015, p. 566).

Moura e Zucchetti (2019, p. 152) explicam que os sujeitos que frequentam os espaços de educação não escolar são os mesmos que frequentam as escolas, mas ingressam nos espaços não escolares “por estarem subjugados à violência e aos maus tratos, expostos à pobreza socioeconômica, ao trabalho infantil, muitas vezes tendo fragilidade nos vínculos familiar e escolar e demandando cuidado no contraturno da escola”. As autoras, na mesma obra, complementam que a

dimensão educativa nesses espaços vai para além da realidade conhecida, porque permite que os jovens sonhem e pensem utopicamente. Com isso eles podem criar e atribuir sentido às suas vidas. Desse modo, a ação educativa é a própria experiência que abre portas e cria possibilidades.

3.2 AS ONGS ESTUDADAS

3.2.1 A ONG 1

Segundo informações contidas e coletadas para a dissertação (SILVA, 2018), a associação pesquisada localiza-se na zona norte de Caxias do Sul, território de alto índice de vulnerabilidade social. Mantida por meio de empresas parceiras, apadrinhamento (pessoas físicas que repassam à instituição um valor mensal, para contribuir com as despesas de uma criança ou jovem), projetos e eventos beneficentes. Conta com uma equipe de 23 profissionais contratados, estagiários e voluntários. Atende 230 crianças e jovens, de 6 a 15 anos, no contraturno escolar. Além da alimentação, oferece um local seguro e acolhedor, conforme relato dos profissionais e educandos. Também acolhe cerca de vinte e cinco a trinta adultos da comunidade, com o projeto “Encontro de Convivência”, com atividades como oficinas, reflexão, orientação e formação, dentre outras.

Os atendimentos das crianças e jovens contemplam alimentação (café da manhã, almoço e pré-janta), acolhida, hora do conto, cinema e atividades desportivas, literária, de biblioteca, de arte e de cultura. Oficinas: de teatro, circo, musicalização, flauta, violão, percussão, Jiu Jitsu, dança, esporte e lazer, capoeira, telecentro e culinária. Os projetos Construindo Valores, Educação Ambiental, Literário, Educação para a Vida e Arte e Cultura são temas macros que comportam atividades criadas pelos educadores sociais a fim de contemplar os diferentes temas. Ainda conta com a colônia de férias e um espaço fora do perímetro urbano onde são realizadas atividades de horta e jardinagem, bem como, ocupada como local para acampamento e gincanas. Essa associação se destaca por premiações,

reconhecimentos e principalmente pelo interesse de pessoas físicas e jurídicas em conhecê-la e ajudá-la.

A pesquisa de dissertação teve como objetivo a análise das práticas de educação não escolar, conceito que segundo Afonso (2001, p. 32) pode “dar conta em simultâneo da educação informal e não-formal”. Para atender o objetivo, foram ouvidos os educadores sociais, oficinairos, assistentes sociais, pedagoga e adolescentes, por compreender a importância das vozes dos sujeitos para o resultado do estudo. Para este artigo, serão usadas as falas⁷ dos jovens com o intuito de responder a questão chave.

Para a dissertação foram feitas rodas de conversas com os jovens, de 11 a 15 anos, de duas turmas diferentes, uma da manhã e outra da tarde. Em ambas, ficou evidente a preferência de estar na associação, em relação à escola, por entenderem como um lugar interessante, respeitoso e acolhedor.

Na primeira turma, compreendem que apesar não ter caderno na ONG, também; se aprende: “[...] porque a gente não pega os cadernos [...]”. Quando questionados pela pesquisadora sobre o que aprendem na ONG, uma jovem respondeu: “aprende a escrever... a ler”. Ao longo da roda de conversa, os alunos apontam as oficinas como suas preferências de participação.

A perspectiva em visualizar um futuro, por meio de alguma profissão, como algo que gostaria de ser feito, para além da realidade da comunidade está evidente quando questionados sobre o que querem para o futuro, a maioria fala em profissões, mesmo sem essa palavra estar incluída na pergunta realizada a eles: “Advogada... Professora de história... Soldado... Policial... Veterinária...”. Alguns repetiram as profissões já mencionadas, outros disseram que não sabiam o que fariam no futuro, pois não pensavam nisso.

A segunda turma foi mais participativa, oportunizando maior interação e compreensão de sua realidade. Ao serem questionados sobre o que gostam dos educadores sociais, responderam: “a prof. aqui explica melhor... é sincera... dá mais atividades, não uma só...”. Outro aspecto apontado pelos jovens foi

⁷ As falas dos personagens capturadas nas rodas de conversas estarão entre aspas e itálico.

sobre a questão da proximidade e da acolhida, que esteve presente em suas falas: “Ela também já conhece bem nós, ela sabe quando a pessoa tá... (o jovem fez um sinal com as mãos, indicando mais ou menos, para retratar o estado de espírito que se referia). Aí ela dá conselho”.

Quando questionados sobre o que aprendem na ONG, falaram sobre: “... trabalhar em grupo, conviver, ler, escrever... aqui eles acolhem a gente...”. Ao lhes indagar, como seria uma aula boa, se posicionaram: “primeiro lugar, menos patada, né! Tipo não escrever, escrever, escrever..., mas tipo fazer uma aula prática”.

Ao longo da conversa afirmaram que aprendiam muitas coisas na ONG, igualmente; como a primeira turma. Ficou perceptível que durante as rodas de conversas houve uma comparação entre a escola e a ONG, bem como no momento que apontaram que na escola precisaria ter mais... “educação que aqui tem... respeito... A união...”. Complementam afirmando: “... a gente quer vir na associação por que a gente gosta... não somos obrigados”.

A ONG se percebe como local de educação não escolar e busca aprimoramento no atendimento e ainda, respeitar e valorizar os sujeitos, Haddad (2009) afirma:

Entende-se como educação não-escolar todas aquelas práticas educativas formais ou não formais desenvolvidas fora do contexto da escola e que estão voltadas principalmente para a formação política e cidadã e no atendimento das necessidades de natureza econômica, socioambiental e cultural (p. 370).

A organização se mostrou acolhedora e um local seguro, onde a criança e o jovem podem buscar apoio para diferentes necessidades. Ainda, apresenta inquietação com relação aos jovens, para que fiquem longe da violência, drogas e prostituição. Assim, os educadores sociais, por meio de um diálogo aberto, buscam participar e compreender os acontecimentos e dificuldades vivenciadas pelos jovens. A organização demonstrou preocupação em se apresentar como um ambiente interessante para os alunos, por entenderem

que é opcional, pois o jovem pode não querer retornar. Dessa forma, as práticas são pensadas a partir dos levantamentos das necessidades das famílias e usuários. Ainda, preocupam-se em ouvir e dialogar sobre as atividades e o trabalho prestado, por meio de questionários e entrevistas com as crianças, com os jovens e com suas famílias, logo, buscam conhecê-los e compreender suas expectativas em relação ao trabalho que oferecem. Usam como ferramenta para se aproximar dos alunos o acolhimento e a escuta, pois compreendem que todos precisam ser ouvidos e ter a oportunidade de se expressar.

A ONG se preocupa que este jovem seja crítico e busque alternativas para ter um futuro mais seguro, com consciência de suas escolhas e capacidade crítica para buscar e criar possibilidades. De acordo com Freire (2003, p. 42): “o que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajudá-lo a ajudar-se... É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É, repetamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas”.

Esse tema é bastante relevante para o cenário social, político e econômico do país, uma vez que afeta a maior parte da população, dificultando o acesso a direitos fundamentais para uma vida digna. A análise serviu para compreender a importância das ações para viabilizar uma Educação Libertadora, que realmente contribua com a construção de possibilidades e caminhos para a formação de cidadãos autônomos e críticos, como caminho para uma vida mais digna, feliz e esperançosa.

3.2.2 A ONG 2

No bairro Santo Afonso, um bairro violento da periferia do município de Novo Hamburgo, localiza-se a ONG Ação Encontro, com capacidade para o atendimento de 120 jovens com idades entre 07 e 29 anos. A missão da instituição é “contribuir, por meio de uma pedagogia democrática e cidadã, com o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e suas famílias, incentivando-as a construir seus projetos de vida” (PPP, 2019, p. 10).

Segundo o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Ação Encontro (2019, p. 41), a instituição organiza sua atuação em dois grandes blocos de trabalho:

- 1) Ações de Arte Educação (Capoeira, Artes Circenses e Dança) e Atividades Complementares (Espaço Ludo pedagógico e Atividades Físicas), para crianças e adolescentes dos 7 aos 17 anos, de segunda a sexta-feira, nos períodos matutino e vespertino (no contra turno escolar).
- 2) Cursos e Oficinas de inserção produtiva abertas a toda a comunidade, assim como eventos culturais, palestras, apresentações artísticas, espaço para exposição de trabalhos, feiras e outros.

A ONG destaca-se por estimular a participação das famílias dos jovens atendidos e da comunidade na construção e implementação dos projetos educativos e por auxiliar as crianças e jovens a expressarem sua criatividade por meio das oficinas, cursos e outras atividades ligadas à Arte Educação. Eles podem escolher de quais atividades participar, são organizados por grupos etários para facilitar a sociabilidade e a aprendizagem e podem se constituir como seres pensantes no enfrentamento das questões que surgem de sua situação de vulnerabilidade social.

Na Ação Encontro os propósitos educacionais são alcançados de maneira divertida, criativa e estimulante. Ao serem questionados sobre as diferenças entre a experiência na escola e a experiência na ONG, as crianças e adolescentes entrevistados responderam: “Eu acho aqui mais legal, mais divertido que na escola. Tem mais adrenalina. Tu trabalha o teu corpo essas coisas, que nem educação física no colégio, só que mais melhor...” “A diferença daqui pra escola é que aqui eles fazem a gente rir mais...” “Eu acho que aqui é diferente da escola porque na escola a gente só faz conta e faz estudo. Aqui a gente aprende e se diverte...” “... Só que eu gosto mais daqui porque aqui tem mais esporte por causa da capoeira, dos esportes, do circo”.

A ONG possibilita encontros e experiências impactantes nas vidas dos jovens por meio das oficinas criativas. Eles constroem laços entre si e com todos os sujeitos envolvidos nas atividades na organização, além de aprendizados que os auxiliam na superação de algumas dificuldades e na descoberta da potência de ser, indo para além do que estava posto, instituído. Com isso, as crianças avançam na busca do ser mais e problematizam a realidade em comunhão com outras crianças de diferentes faixas etárias e situações de vida e com os profissionais da ONG, que se tornam referências para além da escola e da família.

Dialogando, problematizando e agindo de forma criativa as crianças e adolescentes vão, aos poucos, tomando consciência de si e de sua realidade e se tornando sujeitos de sua própria história. A experiência na ONG possibilita que os jovens tomem decisões sobre o que suas ações e sobre o que querem realizar no futuro. Um jovem relatou que as atividades na ONG o ajudaram a conhecer melhor o seu corpo e a ser mais confiante na escola. Segundo ele, “eu queria muito entrar pro futebol, eu não conseguia jogar, daí eu vim pra cá. Todo mundo me chamava de ruim daí eu peguei e fiquei segurando o que eles falavam pra mim, daí hoje eu cheguei onde eu queria. Eu queria seguir em frente e continuar jogando futebol”.

As atividades artísticas contribuem para a criação de um ambiente prazeroso, no qual são estimulados o engajamento entre os participantes e a imaginação. Dias e Pereira (2019) acreditam que a arte possibilita a criação, a invenção e a imaginação, contribuindo para o pensamento crítico e emancipador dos jovens.

Durante as entrevistas foi possível perceber que as crianças exercitam a criticidade e fazem reflexões sobre si e os outros ao falarem de suas vidas, práticas, desejos e sonhos. Ao serem questionados sobre como as oficinas impactaram nas suas vidas, um jovem entrevistado respondeu: “no laboratório a gente pesquisou sobre os reinos das plantas, sobre os animais, a gente fez uma maquete. Acho que isso é importante porque a gente pode tomar uma decisão melhor do que vai fazer no nosso futuro, o que que

a gente vai decidir sobre o lixo, por exemplo, que a gente tem que separar”. Outra jovem entrevistada ressaltou que uma das oficinas contribuiu para que decidisse se dedicar a uma profissão: “o que eu mais gosto daqui é da capoeira, quero ser professora. Eu descobri isso aqui. Eu fiz um curso na capoeira, dos instrumentos dela, e eu vou ganhar um certificado, porque eu completei o curso e isso vai me ajudar no meu futuro. Eu to estudando pra um curso pra professor de capoeira”.

O trabalho mostrou que as instituições de educação não escolar que desenvolvem trabalhos com Arte Educação contribuem para a constituição de sujeitos históricos e criativos, capazes de criticar e problematizar sua realidade, e de transformá-la ao descobrirem sua potência criadora e autonomia para tomarem decisões sobre o que querem realizar em suas vidas. Segundo Pereira et al. (2014, p. 48), esse tempo e espaço permite aprendizados e o aumento da potência de agir, “onde a afetividade, a estética e a imaginação estejam em congruência, mobilizando os sujeitos em ações que possibilitem a constituição de lugares sociais outros, marcados pelo reconhecimento das possibilidades de cada um e de todos ensinarem e aprenderem”.

3 DISCUSSÃO

Este estudo nos permitiu perceber que as possibilidades de construção do conhecimento estão para além dos limites da escola, pois aprendemos e nos educamos em diferentes espaços, em interação com outros indivíduos. Portanto, a escola não se configura como a única instituição educativa, também porque educar—se, conhecer, é um processo que se dá ao longo de toda a vida, desde o nosso nascimento.

A partir dessas afirmativas ressaltamos a importância das experiências de educação não—escolar para as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. As duas ONGs analisadas evidenciaram se constituir em locais nos quais ocorrem práticas educativas dialógicas que permitem aos jovens expressarem e enfrentarem as dificuldades

que encontram na escola, além de conseguirem problematizar a realidade no contexto em que vivem e terem a oportunidade de refletir sobre possibilidades de futuro. Tal qual a teoria da ação dialógica elaborada por Freire (1987) os sujeitos das ONGs investigadas demonstraram constante diálogo, colaboração, união, organização nas atividades e respeito uns aos outros e às manifestações culturais dos locais onde cada um vive. Tal fenômeno pode levar ao que Freire denomina de elaboração de uma síntese cultural (FREIRE, 1987), necessária à produção de sujeitos que pretendam superar a cultura que os aliena, portanto, mirando a autonomia tal qual pensada pelo autor.

A partir das duas experiências empíricas conseguimos apresentar a importância da intencionalidade pedagógica das ONGs para a produção de práticas em educação não escolar que se configurem como uma alternativa emancipatória. Constatamos que o reconhecimento e a valorização das crianças e adolescentes que frequentam as ONGs pesquisadas as estimularam a perceber a sua realidade e a interpretá-la, criando oportunidades de transformá-la. Em meio às atividades das oficinas e suas experimentações, as crianças e adolescentes atendidos pelas ONGs têm conseguido fazer algumas escolhas de forma consciente, o que pressupõe alguma autonomia.

Para Freire (1987), a vocação dos homens é saber mais sobre a vida e sobre si na busca pelo ser mais. Essa vocação é negada na impossibilidade de ser mais, na opressão, na exploração, na desumanização e afirmada na ação libertadora. Isto é, na recuperação da humanidade dos explorados, dos oprimidos, dos vulnerabilizados socialmente, por meio da conquista da consciência e da autonomia por tais sujeitos. As práticas educativas nas ONGs pesquisadas têm contribuído para a conquista da consciência e da autonomia, para a problematização da vida, para o ser mais das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo respondeu ao seu propósito, explicitado nos três objetivos específicos: apresentar as ONGs e as experiências de educação não escolar

nelas desenvolvidas; verificar os conceitos—chave que orientaram as discussões realizadas ao longo do trabalho (aprender com a experiência, educação não escolar, ser mais, ação libertadora e autonomia), e analisar como as experiências de educação não escolar investigadas contribuem para a autonomia dos sujeitos.

A discussão teórica sustentou a análise de cada caso e, em conjunto com os dados empíricos, nos permitiu afirmar que as instituições podem educar ou deseducar. Em vez de apenas oferecerem medidas paliativas e conformadoras, permitindo que as crianças e adolescentes socialmente vulnerabilizadas permaneçam indivíduos subjugados, as ONGs podem proporcionar experiências educativas que contribuam para a transformação social.

Concluimos que em espaços de educação não escolar, como as ONGs, emergem amizades, diálogo, reflexões e projetos de futuro. Pontuamos que as crianças e adolescentes que participaram deste estudo enfatizaram que percebem as ONGs que as atendem como locais nos quais podem exercitar a criatividade e enfrentar desafios, sendo estimulados a terem interesse em aprender e ser mais.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DIAS, C.; PEREIRA, E. Hip Hop na ONG: os sentidos produzidos por crianças e adolescentes em oficinas de danças. **Revista Horizonte Científico**, v. 10, n. 1, ago. 2016, p. 1–18. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/33183>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- FLYVBJERG, B. Case study. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). **The Sage handbook of qualitative research**. 4th edition. London: Sage, 2005. p. 301–317.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes**

- necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.
- HADDAD, S. “Homenagem”. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, p. 370. maio/agosto. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n41/v14n41a14.pdf> Acesso em: 18 nov. 2019.
- MACHADO, R. C. Autonomia. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MAGALHÃES, S. Moro lá no Cordú: conhecendo a comunidade a partir do olhar das crianças. **Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad**, v. 4, n. 3, set./dez 2018, p. 1–16. Disponível em: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/990>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- MORETI, C. Infâncias. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MOURA, E. P. G.; ZUCCHETTI, D. T. A dimensão Educativa da Educação Não Escolar: tem sentido este debate? **Educação** (Porto Alegre), v. 42, n. 1, p. 150–158, jan.–abr. 2019. Disponível em: <https://revis-taseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/27950/17874>. Acesso em: 04 nov. 2019.
- MOURA, E.; ZUCCHETTI, D. T. Educação não escolar, universidades e educação popular: horizonte de novos desafios. **Educação Unisinos**, v. 13, p. 125–134, 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/4938>. Acesso em: 26 out. 2019.
- OSOWSKI, C. Sujeito/Objeto. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- PEREIRA, E. *et al.* Semelhanças e dissonâncias em espaços de ensinar e aprender. **Psicologia Argumento**, v. 32, n. 78, jul./set. 2014, p. 39–49.
- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. AÇÃO ENCONTRO. ABEFI. Novo Hamburgo, 2019.
- SEVERO, J. L. R. L. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 96, n. 244, p. 561–576, Dec. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000300561&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 27 out. 2019.
- SCOCUGLIA, A. C. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: Universitária, 1999.
- SILVA, P. M. **O impacto das práticas de educação não-escolar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: estudo de caso de uma associação**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul (RS). Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/4161>. Acesso em: 16 nov. 2019.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- ZITKOSKI, J. Ser mais. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- ZUCCHETTI, D. T.; MOURA, E. Educação não escolar: gênese de um novo modo de educar. *In*: XI Seminário Internacional da Rede ESTRADO, 2016, México. **Anais** [...]. México: UPN, 2016. v. 1. p. 1–15. Disponível em: http://redeestrado.org/xi_seminario/pdfs/eixo9/143.pdf Acesso em: 28 out. 2019.

Recebido em: 26/09/2020

Aceito em: 30/11/2020